



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 20, n. 4, art. 8, p. 146-158, abr. 2023

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2023.20.4.8>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



Avaliação nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alguns Apontamentos

The Evaluation in the Early Grades of Elementary Education: Some Notes

Alexsandra de Lima Cavalcanti

Doutora em Educação pela UNIDA, Paraguai

Email: alexsandrac03@gmail.com

Roberto Remígio Florêncio

Doutor em Educação pela UFBA

Professor de Língua Portuguesa (IFSertãoPE *campus* Petrolina Zona Rural)

E-mail: roberto.remigio@ifsertao-pe.edu.br

Endereço: Alexsandra de Lima Cavalcanti

Rua 17, 150, Bairro Pedro Raymundo - CEP 56.308-045

– Petrolina-PE, Brasil.

Endereço: Roberto Remígio Florêncio

Rua São Cristóvão, 50, Orla 2 – CEP 56.308-045 –

Petrolina – PE, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

Artigo recebido em 03/02/2023. Última versão
recebida em 14/02/2023. Aprovado em 15/02/2023.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O presente manuscrito aborda as formas avaliativas de diagnóstico e intervenção no Ensino Fundamental, sua utilização e prática em salas de aula da rede pública municipal de Petrolina e os mecanismos de adaptação à educação especial. Através de pesquisa de campo, foi possível coletar dados que proporcionaram entender como as avaliações estão sendo pensadas, quais tipos estão sendo aplicados e como essas avaliações estão contribuindo para inclusão de educandos com deficiências físicas ou intelectuais. Os estudos bibliográficos possibilitaram estabelecer noções básicas sobre os tipos de avaliação e apresentar uma análise crítica acerca das práticas coletadas, estabelecendo parâmetros comparativos e estratégias necessárias para que o processo avaliativo possa ser classificado como eficaz, dinâmico e inclusivo, que esteja de acordo com a especificidade de cada aluno, evitando o baixo rendimento, a repetência e a evasão, que são os principais agravantes de uma avaliação tecnicista e excludente.

Palavras-chave: Práxis Pedagógica. Processo de Avaliação. Formação de Professores. Inclusão.

ABSTRACT

This manuscript addresses the forms of evaluation of diagnosis and intervention in Elementary Education, their use and practice in classrooms in the public municipal network of Petrolina and the mechanisms of adaptation to special education. Through field research, it was possible to collect data that provided an understanding of how evaluations are being thought about, what types are being applied and how these evaluations are contributing to the inclusion of students with physical or intellectual disabilities. The bibliographic studies made it possible to establish basic notions about the types of evaluation and present a critical analysis of the practices collected, establishing comparative parameters and necessary strategies so that the evaluation process can be classified as effective, dynamic and inclusive, in accordance with the specificity of each student, avoiding low performance, repetition and evasion, which are the main aggravating factors of a technical and exclusionary assessment.

Keywords: Pedagogical praxis. Evaluation Process. Teacher training. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação educacional será compreendida a partir deste estudo como a maneira que/como os professores estabelecem as relações dos conteúdos apresentados em sala de aula com o nível de absorção significativo do aluno. Segundo Silva Filho (2012), trata-se de um tema que está bastante em pauta nos estudos da educação atual e que consiste em maneiras para auxiliar o professor, em sua formação como educador ético e responsável, nos processos de ensino-aprendizagem a serem desenvolvidos em sua prática.

O procedimento avaliativo garante aos educandos colocar em prática aquilo que foi/está sendo construído, permitindo ao educador elaborar e refazer processualmente diagnósticos sobre a aquisição cognitiva dos assuntos trabalhados em sala de aula. De acordo com Silva Filho (2012), no processo de ensino-aprendizagem, o bom desenvolvimento do aluno é tido como fato prioritário. E, para que isso aconteça, o professor deve ter uma prática pedagógica reflexiva e processual, pois só assim ele poderá diagnosticar qualquer problema/desvio no desenvolvimento das habilidades e competências que se têm como esperadas. Para isso e por isso, defendemos a relevância da avaliação como processo dinâmico e democrático enquanto prática pedagógica própria da atualidade escolar. Esse processo adquire caracteres diagnósticos e construtivistas, ainda mais quando se trata de séries iniciais.

As formas de avaliar, na maioria das vezes, ficam sob a responsabilidade do professor, e este procura a mais coerente possível nesta investigação do saber, por ser o regente da turma e estar em constante contato com o alunado, para ter as noções básicas de se chegar a cada aluno em sala, em um exercício de pensar metodologias que contemplem os alunos, de forma democrática e inclusiva, percebendo as principais dificuldades de cada um, inclusive limitações de ordem física, social, emocional e/ou provocadas por deficiências neuromotoras.

Nesta seara, em que classificamos as avaliações como qualitativas (subjetivas) e quantitativas (objetivas), defendemos que compreender e se identificar com as modalidades de avaliações educacionais democráticas, participativas, processuais, equânimes e inclusivas trata-se de uma postura a ser adotada pelos educadores para o êxito do processo educativo como um todo, visto que a evolução dos educandos, principalmente nas escolas públicas e nas séries iniciais, está bastante atrelada ao papel desempenhado pelos professores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Avaliação nas séries iniciais do ensino fundamental

A priori, entendemos avaliação como elemento inerente aos seres humanos, que, com frequência e quase inconscientemente, executam ou são expostos a processos avaliativos. A avaliação se dá em todos os âmbitos de nossas vidas, e especificamente no âmbito educacional, onde define, muitas vezes, nossa posição como discentes. Acreditamos, portanto, que é de suma importância e relevância para os estudos da Educação analisar a avaliação nos primeiros anos de vida escolar. A criança inicia o conflito/confronto de estar exposta ao crivo de outrem que não seja mais parte de seu núcleo familiar. E isto implica que o docente, antes de tudo, possa conhecê-la, para melhor relação aprendizagem-avaliação.

Bloom *et al* (1983; 1999) classificam a avaliação em três tipos, a partir dos seus objetivos específicos: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação somática.

- Avaliação diagnóstica tem a finalidade de orientar e diagnosticar a presença/ausência de habilidades cognitivas. Essa avaliação tem como base os conhecimentos pré-estabelecidos inicialmente, antes de começar a introduzir novas aprendizagens, pré-requisitos para o processo educativo.

- A avaliação formativa desenvolvida originalmente por Scriven (1967), é uma avaliação duradoura, contínua, que mantém uma relação pedagógica com o aluno em que se pode notar as dificuldades de aprendizagem ao longo do processo. É importante ressaltar que a avaliação formativa também destaca a importância das atividades que permitam ao aluno a consciência de sua aprendizagem, e sempre a modificando para atingir seus objetivos.

- Avaliação somática é a que tem a função de se certificar que os alunos conseguiram filtrar o assunto e tiveram uma aprendizagem significativa. Correlativo ao resultado obtido pelo aluno, a avaliação somática posiciona o aluno em diferentes patamares e valores numéricos são utilizados nestas avaliações para notar o grau em que o aluno se encontra.

Tanto Hoffman (2009) quanto Luckesi (2011) acreditam que a educação precisa ser humanizada, assim como os processos avaliativos. E, por isso, é importante a formação continuada: o exercício do saber fazer. No caso de se instalar procedimentos metodológicos de avaliação engessados pelas diretrizes escolares e pelos Projetos Político-Pedagógicos

(PPP) das instituições, podemos estar burocratizando o poder de sedução e de inovação também do ato de avaliar e, conseqüentemente, o momento de (re)aprendizagem ficará comprometido.

No caso da aprendizagem, como estamos trabalhando com uma pessoa – o educando –, importa acolhê-lo como ser humano, na sua totalidade e não só na sua aprendizagem específica que estejamos avaliando, acolher o educando, eis o ponto básico para proceder a toda e qualquer prática educativa, sem acolhimento temos a recusa. E a recusa significa a impossibilidade de estabelecer um vínculo de trabalho educativo com quem está sendo recusado (LUCKESI, 2011, p. 9).

O período dos primeiros anos escolares é a base da vida acadêmica dos indivíduos e a avaliação dentro desse contexto requer uma grande responsabilidade para o avaliador. Nessa fase, professores e professoras devem avaliar as percepções cognitivas, a interação com a turma e com os que permeiam o espaço escolar, as associações que eles fazem com o que estão aprendendo, e com a bagagem que trazem de seu convívio familiar. Então, avaliar esse primeiro momento é de extrema importância porque é desse deslumbre, quando a reprovação deve ser evitada, que vão ocorrer as intervenções necessárias para melhor assimilação do que está sendo proposto, através do processo de maravilhamento pela aprendizagem.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, Lei 9394/96, Art. 32¹), o Ensino Fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito e acessível, sistematizados pelas redes públicas municipais, estaduais e federal, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

- I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II – A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III – O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV – O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

A partir do 3º ano das séries iniciais, a avaliação acontece de maneira mais abrangente, a partir de aspectos qualitativo e quantitativo, todavia continua uma conduta de avaliação muito parecida com as já citadas acima. Dentro do qualitativo, observam-se os

¹ Redação da Lei 11.274/06 (BRASIL, 2006). Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691412/artigo-32-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>.

aspectos da criança dentro da forma de aprendizagem que ela apresenta, como expõe seu conhecimento dentro da fala (a oralidade se faz muito necessária nesse tipo de avaliação), assim como seu comportamento (o modo como ela se comporta expressa também um tipo de aprendizagem). Já na quantitativa, transformam-se esses conceitos em uma atividade avaliativa, como a “prova escrita”, por se fazer necessário saber se os conteúdos trabalhados foram assimilados de maneira satisfatória pelo aluno e, dentro desse aspecto, se atribui uma nota. Na avaliação quantitativa, os estudantes terão acesso a provas cujas notas aritméticas se farão presentes através de atividades avaliativas somatórias, médias e/ou substitutivas.

Segundo Dias Sobrinho (2000, p. 106), a avaliação busca conhecer, não para executar o passado, o presente ou condenar o futuro, mas para compreender as dificuldades e equívocos e potencializar as condições de construir com melhor qualidade os agentes, a instituição e os contextos. O docente precisa levar em consideração o conhecimento que o educando já tem e mediar esses conhecimentos com os adquiridos dentro da sala de aula. Sabendo que essa abordagem tem que trazer para sala de aula realidades e cotidiano das comunidades assistidas.

A avaliação serve também para se ter um retorno das metodologias pedagógicas, uma vez que, mediante os resultados dessa avaliação, o professor (e a escola em si) possa se autoavaliar e com isso melhorar o ensino, metodologias e dinâmicas de ensino, espaço e tempo, proporcionando abordagens diferentes a partir da *avaliação* dos resultados obtidos. A avaliação não deixa de ser fundamental apenas no processo de ensino, mas, entendendo que só existe o processo ensino-aprendizagem e que este é contínuo, subjetivo e dinâmico, a avaliação aqui é vista como orientadora das práticas pedagógicas, enfatizando que deve acontecer de maneira contínua, salientando os aspectos qualitativos do conhecimento desenvolvido pelos alunos.

[...] a avaliação é um processo complexo, nem tanto pelas dificuldades instrumentais ou pelos tecnocratismos, nem pela eventual dificuldade de obtenção de respostas claras e pretensamente definitivas, mas, sobretudo, pelo valor das questões levantadas no debate público, ou seja, pelo impacto das perguntas que o processo deve suscitar, discutir e avaliar (SOBRINHO, 2000, p. 106).

A avaliação é, sem dúvida, uma ferramenta fundamental nos processos de ensino-aprendizagem, e existe algo tão importante dentro desta mesma temática: a forma escolhida pelo professor para o desenvolvimento/aplicação de sua prática em sala de aula.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Avaliação escolar: breves apontamentos

Ao falarmos de processo de avaliação escolar, não estamos falando das formas tradicionais como ainda são aplicadas provas e testes na maioria das instituições de ensino da contemporaneidade brasileiras, e por professores relativamente jovens. Métodos esses que ainda trazem um forte ranço de uma educação praticada desde o século XVIII, e que encontrou conforto e produtividade técnica no Brasil de meados do século XX, mais precisamente nas décadas de 60 e 70. Neste período histórico, de métodos avaliativos, podemos citar os principais métodos aplicados como sendo o ideal para os processos educacionais da época;

Classificatório é a mais comum dentre as utilizadas no ensino básico formal e é feita, geralmente, através das provas, exames e testes, sendo os seus resultados expressos por meio de notas e conceitos. Essa avaliação está centrada nos resultados das provas, como forma de verificar o desempenho dos alunos, instrumento esse utilizado para recolher os dados de forma sistemática e objetiva acerca do processo de ensino e aprendizagem e que costuma ser realizado no final do ciclo

Somente depois dos movimentos de renovação sociopolítica², ideias reformadoras de grandes pensadores também começaram a ganhar força na estrutura do sistema educacional brasileiro. A partir da década de 1980, a reboque das práticas e das ideias de teóricos como Paulo Freire (1921-1997) e Anísio Teixeira (1900-1971), houve um grande movimento crítico sobre os processos educacionais no Brasil³. “A educação deve ter como eixo norteador a vida-experiência e a aprendizagem, reiterando que a função da escola é propiciar uma reconstrução permanente da experiência e da aprendizagem dentro da vida de cada indivíduo” (LEITE; CARVALHO; PIMENTEL, 2010, p. 44). Começava-se a questionar vários princípios e práticas educacionais, dentre elas, uma das mais relevantes foi a forma de avaliar.

Segundo estes novos conceitos, Luckesi (2011) apresenta diversas diretrizes relacionadas ao real propósito de avaliar, como diagnosticar para planejar, planejar para estabelecer metas possíveis de alcançar, tudo isso sobre o prisma das práxis profissionais *in*

² Aqui, deixamos implícitos movimentos importantes da História recente do Brasil, como Movimento Diretas Já (início da década de 1980), queda da Ditadura Militar (1984) e promulgação da Constituição Federal (1988).

³ O movimento Escola Nova teve origem nos EUA, mas chegou ao Brasil trazido por Ruy Barbosa e contou com o apoio de diversos intelectuais e professores da época, incluindo Cecília Meireles, Anísio Teixeira e C. Delgado de Carvalho.

loco. Nesta mesma linha de pensamento crítico-reflexivo, encontramos em Libâneo (1994) ideias avançadas, quando, tratando da didática e suas possíveis construções lógicas e dialéticas para o êxito nos processos de ensino-aprendizagem, lança um fundamento bastante sólido para o tema em questão, a partir da percepção de que a avaliação “[...] é um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e daí, orientar a tomada de decisões” (LIBÂNEO, 1994, p. 94).

Sob essa perspectiva, a visão centralizada na figura do professor, como ponto de partida para as bases da avaliação, foi literalmente lançada por terra, não que a figura do professor agora seja desnecessária, muito pelo contrário, agora mais do que nunca ela se faz mais que necessária no contexto educacional. O que realmente o autor apresenta é uma ressignificação dos princípios de avaliação em relação à práxis docente em uma esfera micro, ou seja, no âmbito da sala de aula, e uma feroz crítica aos equívocos do ato autômato de avaliação e mérito.

É importante reafirmar que os processos de avaliação seguem suas próprias regras usando o princípio da necessidade que cada turma revela, partindo do pressuposto estabelecido pelo próprio contexto em questão, fazendo com que o professor possa lançar um olhar extremamente sensível para cada realidade, seja ela social, seja de cunho pessoal, orgânica ou sistêmica, para que o aprendizado seja eficaz e, quem sabe, até possa superar suas metas.

A avaliação é um processo de investigação da aquisição do conhecimento, ou seja, aponta para resultados que o educador almeja alcançar, como uma via de mão dupla, investigo os meus métodos para saber se eles são realmente capazes de gerar resultados satisfatórios. Podemos afirmar com propriedade que cada indivíduo possui um universo dentro de si, sendo assim torna-se quase impossível que um único professor possa dar conta de tantos universos ao mesmo tempo. Para tanto, usando a ferramenta de avaliação corretamente, o profissional poderá aproximar-se até o seu limite máximo de competência para trabalhar de forma mais eficiente.

A avaliação é uma mediação também na construção de currículos. Perrenoud (1999) direciona e ressignifica o propósito da avaliação, mostrando o real sentido de avaliar o aluno no âmbito escolar, que seria o sucesso na construção e apropriação dos conhecimentos previamente estabelecidos e extrapolar de acordo com o que o aluno já possui de suas vivências cotidianas, rompendo totalmente com os primeiros modelos de avaliação aplicados.

3.2 Avaliação e inclusão

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em dezembro de 2017, um documento originado para nortear os docentes durante o processo de aprendizagem nas escolas do país, chega com o intuito de agregar conhecimento igualitário para todos, contemplando suas áreas de conhecimento, proporcionando ao aluno uma aprendizagem significativa para sua faixa etária. A BNCC está organizada nas quatro áreas clássicas do conhecimento (Linguagens, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Matemática) e é importante ressaltar que a organização proposta não é padrão obrigatório para ser seguido, mas destaca a importância de um processo autoavaliativo a estudantes e docentes. Por isso, as formas de avaliação realizadas pelas secretarias de educação dos estados e municípios terão como base a BNCC.

Ser avaliado é motivo de apreensão, tanto para crianças quanto para adolescentes ou adultos. Este processo deve servir, unicamente, para mostrar aquilo que precisa ser melhorado e, a partir daí, ajustar a rotina para potencializar o aprendizado. Este momento não deve servir como punição, uma vez que ele impacta significativamente na autoestima e autoimagem dos estudantes, prejudicando a absorção de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades. Sendo necessário promover um espaço de confiança por meio de comportamentos afetivos, empáticos e construindo vínculos positivos.

A avaliação é substancialmente reflexão, capacidade única e exclusiva do ser humano, de pensar sobre os seus atos, de analisá-los, julgá-los, interagindo com o mundo e com os outros seres, influenciando e sofrendo influências pelo seu pensar e agir. Não há tomada de consciência que não influencie a ação. Uma avaliação reflexiva auxilia a transformação da realidade avaliada (HOFFMANN, 2009, p. 10).

Algumas realidades sugerem alguns caminhos que podemos percorrer para de fato incluirmos o educando e ressignificarmos as formas de avaliação como um todo, mas intensamente na educação inclusiva (ALVES, 2012). A inclusão depende muito da atuação dos professores, na sua vivência de sala de aula, metodologia e dinâmica de ensino aprendizagem utilizada.

A qualificação, através de especialização e da formação continuada em serviço, é um conjunto dentre outros aparatos que se faz necessário para um olhar mais apurado e preparado, para incluir esses alunos que vêm das mais diversas realidades com seus traumas e limitações provenientes de suas histórias de vida. As formas de avaliações que hoje são usadas como SAEPE e INEP não são adequadas para os diversos alunos que chegam o tempo

todo às redes públicas e privadas de ensino com necessidades físicas, psíquicas, afetivas, sociais e intelectuais todos os anos, tornando-se urgente a reflexão de que a escola tem uma função social de preparar indivíduos para a vida, e o professor que está nessas escolas tem o direito e a necessidade de receber cursos de qualificação e especializações.

Ao se pensar a inclusão na escola, segundo Florêncio, Santos e Paixão (2019), é imprescindível pensar naquilo que a criança traz de suas vivências, como o conhecimento empírico ou científico, através do seu convívio com a sociedade, família e contexto atual e assim poder dialogar com aquilo que se pretende ensinar ao aluno, ainda mais tratando-se de compromissos mais específicos do processo de ensino-aprendizagem.

Apesar de a Educação/Escola Inclusiva ser uma realidade cada vez mais comum no cotidiano da vida escolar, é válido citar que repensar as práticas educativas adotadas no dia a dia escolar são conceitos inteiramente compreendidos pela comunidade inclusiva. Segundo os autores, é preciso dar importância às estratégias de acolhimento/inclusão, sem perder de vista as responsabilidades e participação que cada envolvido possui nesse processo de construção e adaptação dos sujeitos com necessidades especiais de aprendizagem e tais aspectos são essencialmente marcados pelas mudanças nas práticas pedagógicas (GLAT; BLANCO, 2011).

Entende-se que não se pode olhar para as crianças e jovens, através de testes e exames, mas é preciso envolvê-las e avaliá-las em todo o processo de construção do seu saber, numa dinâmica de cooperação com os seus pares. Não se trata de enxergar o indivíduo, isoladamente, contudo para o grupo em que se implanta, num modo mobilizador e cooperativo, numa perspectiva de diferenciação pedagógica inclusiva (SANCHES; THEODORO, 2006), ou seja, diferenciar tarefas dentro do grupo e não indivíduos.

Embasados por Weisz (2000), asseguramos que é importante pensar em outras formas/maneiras de agir nas articulações e dialogando com os conceitos teóricos sobre Educação Inclusiva e Escola Inclusiva, envolvendo toda a equipe escolar: diretores, professores, encarregados de educação, funcionários, comunidade e alunos; todos serão grandes aliados na condução e organização para um bom funcionamento da instituição numa perspectiva de acolhimento coletivo, garantindo o mesmo direito a todos e não deixando espaço para o sentimento de exclusão (FLORENCIO; SANTOS; PAIXÃO, 2019). Assim, nessa prática, constrói-se também o elemento avaliativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação faz parte do cotidiano de todos os seres humanos, em algum momento de sua vida, em sua jornada escolar, no mundo do trabalho e até das relações interpessoais. Luckesi (2011), quando se refere ao processo de avaliação, ressalta a importância da busca das teorias e a vivência para desenvolver a prática. Isambert-Jamati (1971) sentenciava que o aluno que fracassou é aquele que não adquiriu no prazo previsto os novos conhecimentos e as novas competências que a instituição, conforme o programa previsto, impõe. O que há no contexto educacional ainda é uma visão quantitativa da avaliação. Os alunos são considerados como tendo alcançado êxito ou fracasso na escola porque “são avaliados em função de exigências manifestadas pelos professores ou outros avaliadores, que seguem os programas e outras diretrizes determinadas pelo sistema educativo” (PERRENOUD, 1999, p. 23).

No entanto, para se compreender melhor os tipos, funções e métodos de avaliação, é de fundamental importância entender os fundamentos da avaliação em si, seus princípios e instrumentos. Ainda não existe consenso em relação à atual avaliação, uma vez que há várias discussões em relação a esse assunto. Muitas dúvidas ainda são suscitadas, incluindo a subjetividade tanto do avaliador quanto do avaliado. É possível que o avaliador não consiga levar em consideração todos os aspectos sociais, econômicos e interpessoais, que possam interferir na construção do conhecimento significativo. A discussão de que o meio social, família, condições socioeconômicas e culturais podem ser prejudiciais ao processo de aprendizagem já está superada. É fato. Cabe ao avaliador buscar compreender esses diversos aspectos em relação ao desenvolvimento cognitivo dos educandos. Para além disso, é importante ter a consciência de que esse desenvolvimento cognitivo e o próprio processo de aprendizagem e de socialização acontecem em tempos diferentes para os diversos estudantes, com a mesma faixa etária e na mesma sala de aula.

A avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma; esta delimitada por uma determinada teoria e por uma determinada prática pedagógica. Ela não ocorre no vazio conceitual, mas “está dimensionada por um modelo teórico da sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica” (CALDEIRA, 2000, p. 122).

Ao atribuir diferentes maneiras de avaliar, obtém-se vários instrumentos de investigar o processo de ensino-aprendizagem, por isso é preciso inovar, de maneira significativa e não apenas instrumental, metodologias que sejam capazes de dimensionar a capacidade de cada

um de maneira mais equânime. Como mediador, cabe ao professor apresentar e criar laços entre os conhecimentos científicos e os culturais, entre os saberes pré-existentes e aos teórico-metodológicos destinados ao aprendente, entre o senso comum e o senso científico, em uma sinestesia de saberes e interesses contextuais.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Inclusão**: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

BLOOM, B. S. *et al.* **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983.

CALDEIRA. **Ressignificando a avaliação escolar**. In: Avaliação e processo de ensino aprendizagem. Presença Pedagógica. Comissão Permanente de Avaliação Institucional: UFMG-PAIUB. Belo Horizonte: PROGRAD/UFMG, 2000. p. 122-129 (Cadernos de Avaliação, 3).

DIAS SOBRINHO, José. **Avaliação Institucional**: teoria e experiências. São Paulo: Cortez, 1995

FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista; PAIXÃO, Martins Dantas. Reflexões sobre a educação inclusiva no sistema público. **Revista Camine** – caminhos da educação. Vol.11, Número 2, 2019 Franca, SP, Brasil – eISSN 2175-4217 -

GLAT, Rosana; BLANCO, Leila de Macedo Varela. **Educação especial no contexto de uma educação inclusiva**. In: GLAT, Rosana. (org.). Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 15-35.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2009.

ISAMBERT-JAMATI (1971). **Classes sociales et échec scolaire**, L'Ecole et la Nation, n 203, pp 19-27

LEITE, L. H. A. CARVALHO, L. D. PIMENTEL, A. P. F. **Curso de aperfeiçoamento em docência em Escola de Tempo Integral**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 44p.

LUCKESI. C. C. **Avaliação da aprendizagem**: componentes do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens- entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed,1999.

SANCHES, Isabel; THEODORO, António. **Da integração à inclusão escolar**: cruzando perspectivas e conceitos. Revista Lusófona de Educação, Lisboa, n. 8, p. 63-83, 2006.

SILVA FILHO, José Amadeu. **Avaliação educacional**: sua importância no processo de aprendizagem do aluno. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012

SCRIVEN, M. **The Methodology of Evaluation**. In: TYLER, R.; GAGNE, R.; SCRIVEN, M. *Perspectives of Curriculum Evaluation*. Washington, D.C: American Educational Research Association, 1967.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

CAVALCANTI, A. L.; FLORÊNCIO, R. R. Avaliação nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alguns Apontamentos. **Rev. FSA**, Teresina, v. 20, n. 4, art. 8, p. 146-158, abr. 2023.

Contribuição dos Autores	A. L. Cavalcanti	R. R. Florêncio
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X